
Um passeio com Nietzsche

Por Julia Guimarães¹

Cada vez mais presente na cena contemporânea, o uso de fones de ouvido pode ser visto como um elemento central da obra “Delirium Áudio Tour - um rito poético efêmero para transcendências urgentes”. Dentre os vários efeitos que esse dispositivo possibilita, me chama atenção o modo como isola o sentido da escuta e, com isso, produz uma experiência altamente imersiva e introspectiva.

No caso da criação da Cia. do Traller – Teatro em Movimento, sediada em São José dos Campos, a exploração dos fones surge acompanhada de uma proposta deambulatória, na qual percorremos não só alguns dos galpões da antiga fábrica têxtil Tecelagem Parahyba, como também os campos abertos do Parque da Cidade, situado ao seu redor. O eixo conceitual dessa imersão audioguiada está na referência filosófica que serve de base para a criação: durante o passeio, temos contato com alguns dos mais conhecidos aforismos de Nietzsche (1844-1900), narrados ao pé do ouvido. Os trechos foram extraídos do livro “Assim falou Zaratustra” e também de outras obras do filósofo alemão.

Na obra dirigida por André Ravasco e Marcelo Denny, que integrou esta 33ª edição do Festivale, a experiência sensorial auditiva surge acompanhada de uma proposição estética calcada na dramaturgia da imagem e do corpo. Seria possível, como propôs Ravasco em debate após o espetáculo, dividir esse rito em duas partes: aquela que ocorre dentro dos galpões e outra realizada ao ar livre, nos espaços do parque.

Antes de adentrar o espaço cênico, recebemos uma série de instruções, que envolvem fotografias, coleiras e fones de ouvido. Um a um, somos conduzidos com muita delicadeza pelo elenco ao espaço onde o percurso se inicia. Estamos em uma grande roda, onde temos a oportunidade de nos

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

enxergar como esse coletivo que aceitou o convite da Cia. do Traller para vivenciarmos juntos aquela proposição. Pelos ouvidos, recebemos a instrução de seguir sempre a pessoa que estiver com a luz. E assim o percurso se inicia.

Dali em diante, a experiência deambulatória é vivenciada de maneira bastante individual, numa espécie de ritual de passagem que dialoga também com a própria filosofia de Nietzsche. Há um jogo de contrastes entre a sutileza de uma palavra que nos chega de maneira íntima, quase sussurrada, e o turbilhão de imagens – muitas delas impactantes, afeitas a uma estética do choque – que encontramos pelo passeio.

Nessa primeira parte, seria possível tecer um paralelo entre as imagens construídas e a crítica feita por Nietzsche à decadência moral, social e política que atravança os ideais de liberdade almejados pelo filósofo. Identificamos, por exemplo, as contradições da igreja traduzidas pela presença de figuras religiosas em situações degradantes ou lascivas. Ou, ainda, certa atmosfera asfíxiante traduzida por um corpo imerso em um grande aquário coberto de água, respirando apenas por um tubo de plástico, dentre muitas outras.

Vistas isoladamente, essas imagens não parecem superar alguns lugares comuns dos aspectos que criticam. Também na forma cênica, algumas delas fazem lembrar outras obras contemporâneas brasileiras recentes, procedimento que aparece em distintas passagens de “Delirium”. Porém, quando colocadas lado a lado, oferecem um mosaico dessa decadência moral, o que dialoga ainda com a precariedade do próprio espaço físico onde se encontram. Exemplo disso são os enormes blocos de retalhos presentes nesse espaço, em distintas fases de decomposição. Um galpão que faz parte da memória patrimonial da cidade, abandonado à própria sorte, o que chama atenção também para a responsabilidade do poder público sobre o local.

A atmosfera asfíxiante vivenciada dentro dos galpões ou no percurso entre eles começa a ser quebrada, pouco a pouco, por imagens e aforismos que

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

nos chegamos pelos diferentes sentidos após iniciarmos o passeio pelos espaços do parque. “Somente quem tiver caos dentro de si poderá dar luz à grande estrela dançante”. É pelas palavras de Nietzsche que somos estimulados a converter a decadência em desejo de transformação, guiados por estrelas-dançantes que tingem o espaço de azul com o desenho de seus corpos.

Nessa experiência processual – que pode ser lida como um convite ao reconhecimento de nossa própria potência – somos também instigados a valorizar o lugar do corpo na esfera social e espiritual, avesso a dualismos e apagamentos: “só acredito em um Deus que saiba dançar”.

É na chegada a um grande descampado, com esteiras dispostas sobre a grama, que esse ritual encontra um dos seus pontos altos. Pela voz agradável que nos conduz pelos fones, somos convocados a entregar-nos a uma sofisticada experiência de contemplação. Enquanto vislumbramos a lua, as árvores, as tonalidades do céu e a nós mesmos, somos embalados por uma canção instrumental que parece servir como moldura sonora para o cerimonial contemplativo. Ali, deitados ou sentados na esteira, permanecemos por alguns longos minutos.

O contraste entre a sucessão de imagens previamente construídas e o esvaziamento potencializado pela quebra de ritmo, de plano e de ambiente faz dessa passagem um momento-chave da obra. Como se o minimalismo cênico da proposição favorecesse a pergunta sobre o que, afinal, estamos fazendo ali. Dentre as várias respostas possíveis, poderíamos nos enxergar como visitantes da madrugada à procura de alguma transcendência possível: “quando o homem se achar na metade da sua trajetória entre o animal e o super-homem (...) festejará seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança”.

Dali em diante, o rito de passagem parece alcançar o estado de graça almejado por Nietzsche. “Nada cresce na terra dando mais alegrias do que uma forte vontade: é a sua mais bela vegetação”. No útero vermelho, construído por

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.



33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

uma grande lona de plástico lançada sobre nós, viramos um só corpo, que caminha junto agora isolado do resto do parque. O fato de caminharmos juntos por um espaço como aquele à meia-noite, de modos radicalmente opostos aos habituais, já é, por si, heterotópico, uma fenda que se abre para promover o avesso dos processos de dessubjetivação tão recorrentes às formas contemporâneas de vida.

A chegada no lago é também o momento de reconhecimento de si. Ao descobrir nossa fotografia, dentre as muitas reunidas ali, lemos o número de dias vividos até aqui. Como temos vivenciado nossa própria existência até aquele ponto? Contudo, é na cena final do nosso passeio que esse ritual de passagem completa seu ciclo, quando nos chega, pela intimidade afetiva dos sentidos da escuta, um dos mais conhecidos conselhos de Nietzsche: “torna-te quem tu és”. No céu, um buquê de balões vai subindo até desaparecer do campo de visão. E embora tenham se passado apenas duas horas, é possível sentir no corpo a qualidade transformadora daquela experiência.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.